

LITERATURA JUVENIL: COMO, ONDE, QUANDO E POR QUÊ? Ricardo Azevedo¹

Resumo

O artigo, sustentado em análise documental, coloca em discussão certas classificações a que a literatura juvenil tem sido submetida nos dias de hoje, questionando a divisão de textos segundo a faixa etária dos leitores; busca também ressaltar certas características próprias da literatura (e da arte) e lembrar a luta do autor literário em meio ao desafio de lidar com os apelos do mercado editorial, com a didatização e a instrumentalização da literatura, com militâncias políticas e com o chamado “politicamente correto”. O artigo pretende ainda abrir uma discussão sobre a literatura no sentido da formação de leitores por meio de perguntas que colaborem com o processo reflexivo dos que a ensinam, incentivando-os a compreender e a questionar os modelos e paradigmas vigentes. A expectativa é a de que alunos, professores e leitores, ao entrar em contato com a literatura de ficção e poesia, tenham a oportunidade de identificar e experimentar tanto os assuntos humanos complexos vistos sempre sob o ponto de vista da subjetividade de cada autor, como os inúmeros recursos propiciados pela linguagem literária. Como pano de fundo, o artigo coloca em discussão o sistema cultural dominante assim como a perspectiva de ser escritor num país diversificado, desequilibrado e heterodoxo como o Brasil.

Palavras-chave: Literatura Juvenil; Cultura; Mercado Editorial; Leitura; Escola.

LITERATURE FOR YOUNG PEOPLE: HOW, WHERE, WHEN AND WHY?

Abstract

The article, based on documentary analysis, puts into question certain classifications to which literature for young people has been subjected today, questioning the division of texts according to the age range of readers; searches to point out some literature (and arts) features and remembers as well the literature writers fighting all the time against market tendencies, the didactization and instrumentalization of literature and still how to deal with political militancy and with “politically correct” ideas. The article intends to discuss problems about reader formation bringing questions which contribute towards teachers reflexive process in order to motivate them to understand and to question current models and paradigms. The expectation is that students, teachers and readers of poetry and fiction literature can identify and experiment both the complex human subjects seen through the subjective authors points of view, just as the various and rich literary language resources. As a background, the article discusses the dominant cultural system as well as the perspective of being a writer in a diverse, unbalanced and heterodox country like Brazil.

Keywords: Literature for Young People; Culture; Publisher Market; Reading; School.

¹ Ricardo Azevedo é escritor e ilustrador de livros para crianças e jovens. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Vencedor do prêmio Jabuti com vários livros como *Dezenove poemas desengonçados* (Ática) e *Fragosas brenhas do mataréu* (Ática) entre outros. Pesquisador na área de cultura popular. Site: <http://www.ricardoazevedo.com.br/>.

LITERATURA JUVENIL: ¿CÓMO, DÓNDE, CUÁNDO Y POR QUÉ?

Resumen

El artículo, apoyado en un análisis documental, cuestiona determinadas clasificaciones a las que se ha sometido la literatura juvenil en la actualidad, cuestionando la división de textos según el rango de edad de los lectores; también busca resaltar ciertas características de la literatura (y el arte) y recordar la lucha del autor literario en medio del desafío de lidiar con los dichos del mercado editorial, con la didáctica e instrumentalización de la literatura, con la militancia política y con los llamados "políticamente correctos". El artículo también pretende abrir una discusión sobre literatura en el sentido de formar lectores a través de preguntas que colaboren con el proceso reflexivo de quienes la imparten, animándoles a comprender y cuestionar los modelos y paradigmas actuales. La expectativa es que alumnos, profesores y lectores, al entrar en contacto con la literatura de ficción y poesía, tengan la oportunidad de identificar y experimentar tanto los complejos sujetos humanos vistos siempre desde el punto de vista de la subjetividad de cada autor, como los innumerables recursos que proporciona el lenguaje literario. En segundo plano, el artículo discute el sistema cultural dominante así como la perspectiva de ser escritor en un país diverso, desequilibrado y heterodoxo como Brasil.

Palabras-clave: Literatura Juvenil; Cultura; Mercado Editorial; Lectura; Escuela.

Introdução

Este texto, escrito a partir de artigos e palestras que tenho realizado ao longo dos anos, pretende levantar e discutir questões e contradições relativas principalmente à chamada "literatura juvenil". Trata-se de uma reflexão acerca do que se considera literatura para os jovens leitores. Grande parte do que discuto aqui está em artigos como "A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores"² de 2003, e "Literatura juvenil: aspectos, dúvidas e contradições"³, publicado em 2011 pela revista *Fronteira Z* da PUC-SP, entre outros. Além disso, trouxe questões levantadas na minha dissertação de mestrado "Como o ar não tem cor, se o céu é azul? Vestígios dos Contos Populares na Literatura Infantil" – FFLCH USP, 1997 (não publicada) e no livro *Abençoado e danado do samba – Um estudo sobre o discurso popular*, Edusp. 2013 (tese de doutorado defendida em 2004, dentro do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo).

Trabalho com literatura há mais de 40 anos – publiquei meu primeiro livro em 1980 – mas sinto que os assuntos e problemas tratados aqui continuam de pé e mais vivos do que

² In: PAIVA, Aparecida et al. **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces** - O jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFGM, 2003, p. 75-83

³ Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12274/8882>. Acesso 08 mar. 2021.

nunca. Uma coisa é certa: temos muito poucos leitores no Brasil. Como disse em “Formação de leitores e razões para a Literatura”⁴, leitores são

pessoas que sabem usufruir dos diferentes tipos de livros, das diferentes ‘literaturas’ – científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, técnicas, entre outras – existentes por aí. Conseguem, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico; ou uma obra filosófica de uma informativa. Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento. Todas as “literaturas”, é preciso dizer logo, são importantes e têm sua razão de ser. A indiferenciação entre elas, entretanto, pode afastar as pessoas da leitura. (AZEVEDO, 2004, p. 38-39)

Minha sensação é a de que o espaço da literatura de ficção e poesia, ou seja, o espaço da arte, anda cada vez mais ameaçado seja por obras utilitárias, refiro-me a livros didáticos e técnicos; seja por obras criadas apenas para ser consumidas e descartadas; seja por obras de fundo utilitário ou militante, que defendem causas, fazem prescrições, doutrinam e pretendem dar lições.

Como sabemos, a literatura e a poesia não têm nem deveriam ter nada a ver com isso.

1. O sistema cultural dominante e a “literatura juvenil”

Toda a literatura é obra de indivíduos, mas obviamente é também uma manifestação da sociedade em que é produzida. Escritores não habitam o vácuo. Ao mesmo tempo, num outro plano, a literatura deve ser vista, conforme sugeriu Norbert Elias (1994), entre outros, como testemunho e expressão de um certo nível de consciência construído socialmente. Tal fato pode implicar diferentes modelos culturais (“modelos de consciência” nas palavras de Elias) atuando sinergicamente no interior de uma mesma sociedade e numa mesma época.

Neste caso, podemos considerar diferentes literaturas produzidas a partir de paradigmas não coincidentes, convivendo num mesmo contexto. Na sociedade brasileira, por exemplo, os padrões sociais, éticos e estéticos das culturas populares, marcados pela oralidade e suas implicações, diferem nitidamente dos padrões modernos, escolarizados e/ou universitários, marcados pela cultura escrita e suas implicações⁵.

⁴ In: SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo, DCL, 2004, p. 38-47.

⁵ Sobre o assunto: AZEVEDO, Ricardo. **Abençoado e danado do samba** – Um estudo sobre o discurso popular, Edusp, 2013. Há também os estudos de Eric Havelock, Walter Ong, Jack Goody, Paul Zumthor e David Olson.

Em geral, julgamos que o nosso padrão de “consciência” seja bem melhor, mais evoluído e mais lógico do que outros. Embora confortável, tal postura lembra as “fórmulas feitas” sugeridas por John Searle (2002): elas têm o dom de fazer abandonar nossos problemas antes de resolvê-los. A “cultura moderna”, o sistema cultural dominante, fonte indiscutível de nossa visão de mundo (e de nosso “nível de consciência”), pode ser descrita como um modelo social impregnado por uma ideologia individualista (segundo a qual os interesses individuais são, por princípio, mais importantes que os da coletividade), pela visão de mundo fundada na economia e na técnica, e pela ideia de mercado “local onde tudo pode ser trocado, comprado e vendido” (DA MATTA, 1979). Nesta paisagem, a relação dos homens com as coisas pode ser mais valorizada do que a relação entre os homens.

Somando tudo, como sugeriu Louis Dumont (2000), temos uma sociedade composta de pessoas que tendem a se sentirem separadas ou “autônomas” em relação ao tecido social. Já escutei escritores dizendo que não escrevem para ninguém e não se importam com o leitor. Naturalmente imaginam-se “livres” e “autônomos” com relação ao contexto em que vivem. Pessoalmente não consigo nem pretendo me sentir tão “descolado” assim. Parece razoável reconhecer que de fato, nos tempos de hoje, as pessoas costumem dar preferência, por vezes quase que exclusivamente, a seus próprios interesses (de certa forma, acreditam viver no vácuo) e a valorizar coisas – dinheiro, imóveis, diplomas, cargos, marcas, produtos e símbolos variados de *status* – em detrimento de pessoas. Ocorre que o individualismo, caso se desenvolva de forma exacerbada e acrítica pode, como sabemos, ter como resultado uma civilização às avessas: a guerra de todos contra todos e o desrespeito às autoridades, leis e hierarquias, mesmo quando constituídas democraticamente.

No caso da literatura, teorias que enxergam as artes – manifestações de indivíduos indiscutivelmente fundadas em sociedades e culturas – como compostas paradoxalmente de obras equivalentes a “organismos autônomos” (OSBORNE, 1970) são, creio, ótimas representações do modelo individualista e técnico dominante. Por outro lado, num contexto marcado pela ideia de que “tudo” – e vale sublinhar esse “tudo” – “pode ser trocado, comprado e vendido” é preciso, inicialmente, identificar mercados de consumo. Caso contrário, trocar, comprar e vender, como?

Eis porque somos levados a encarar com naturalidade a ideia de que existem literaturas dirigidas a públicos específicos: literatura infantil, literatura juvenil, literatura adulta etc. Numa sociedade de consumo, faixas etárias são principalmente fatias de mercado. Não me refiro, note-se, apenas a livros, mas a uma imensa gama de produtos

“recomendados”, “adequados” ou “dirigidos” seja ao “público infantil”, seja ao “público juvenil”, seja a outros mercados. Como pano de fundo, temos a constituição de sistemas peritos e os mais variados especialistas formados e diplomados para tratar dos problemas “específicos”, por exemplo, da “juventude”.

Como dizem Berger e Luckmann (2002), vivemos num modelo social tão especializado que nele, por vezes, deixamos de fazer coisas porque dão resultados concretos e perceptíveis (ou seja, renunciemos a nossa intuição, inteligência, experiência e poder de observação) e passamos a fazê-las tomando por base definições, princípios abstratos, prescrições e instruções decretadas por *experts*. Para David Olson (1997), vale lembrar, estamos habituados desde o tempo da escola a construir nosso pensamento a partir de premissas, sem discuti-las. Entretanto, poucos gostariam de consultar um ortopedista que saiba examinar minuciosamente um joelho machucado sem perceber que seu dono apresenta sintomas evidentes de caxumba ou anorexia. Especialistas costumam ser preparados para enxergar partes sem levar em conta a existência do todo. É preciso reconhecer, num outro plano, que a divisão de pessoas em faixas etárias, para além de organizar classes escolares e compor fatias de mercados, pode ser útil, por exemplo, ao sugerir a existência de diferentes graus de amadurecimento, diferentes estágios cognitivos e diferentes fases de vida vinculados a faixas de idade.

Em termos de sociabilidade, tal fato tem um significado importante: numa família, o papel do pai é, ou deveria ser, bastante diferente do ocupado pelo filho. O mesmo ocorre entre professor e aluno e mesmo, no geral, entre as pessoas mais velhas e as mais moças. Entram em cena aqui princípios hierárquicos civilizatórios (refiro-me tanto a certas hierarquias naturais como àquelas estabelecidas democraticamente. Note-se que o individualismo acrítico, comum nos dias de hoje, convive mal com a noção de hierarquia); os diferentes graus de experiência e de conhecimento; a diferenciação entre autoridade (a confiança conquistada legitimamente) e autoritarismo (a obediência obtida à força); enfim, a responsabilização dos mais experientes em relação àqueles que acabaram de chegar ou estão no mundo há menos tempo. Até animais conhecem isso. Para Arendt (2007), cabe aos adultos apresentar aos “recém-chegados” a cultura, a sociedade e o homem. Trata-se de uma responsabilidade essencial e civilizatória da qual nenhum adulto deveria abrir mão. O que faria um “recém-chegado” sem cultura humanista, um “analfabeto social”, indiferente aos outros homens e às outras culturas, um egocêntrico despolitizado treinado para ser um mero técnico consumidor,

quando crescesse, eventualmente chegasse ao poder, e tivesse armas de destruição em massa nas mãos?

É preciso apontar outra contradição: vivemos um processo cultural de clara infantilização do adulto. São exemplos disso: ídolos populares, roqueiros de 70 anos de cabelos pintados agindo como se tivessem vinte, ou mesmo adultos anônimos andando por aí travestidos de crianças, com bonés virados para trás e bermudas. Um dos resultados desse fenômeno patético, a meu ver ligado ao individualismo acrítico e ao consumismo, parece ser uma espécie de desresponsabilização ampla, geral e irrestrita com relação à política, à cultura, aos padrões de sociabilidade e à própria sociedade (sem falar na responsabilidade para com o meio ambiente). Obviamente, o efeito disso nas crianças é nefasto pois, neste modelo social, elas não têm espaço (com adultos metidos a garotões?), nem quem assuma sua formação.

Daí a importância fundamental e civilizatória da educação e ela implica a responsabilização de adultos com relação a crianças e jovens. Em que pese o reconhecimento de que dividir pessoas em grupos etários possa ser, em várias situações, uma estratégia válida e necessária, não creio que tal procedimento deva ser naturalizado ou tratado de forma mecânica. É preciso matizá-lo e relativizá-lo sempre, afinal, falamos de seres humanos e não de peças de uma engrenagem. Vejamos o que disse Lia Junqueira, fundadora do Movimento em Defesa do Menor, em sua obra *Abandonados*, referindo-se à vida de meninos moradores de rua:

De um lado, a rua acena com a liberdade: não existe horário, é um lugar lúdico. Por outro lado, é extremamente perigoso. São crianças e adultos ao mesmo tempo esses seres humanos que encontramos. Não podemos considerá-las crianças, porque não tiveram oportunidade para tanto (...). Nunca tiveram quem os protegesse. Já na saída da primeira infância começaram a assumir atitudes de adultos. Quando poderiam estar brincando protegidas, eram obrigadas a proteger um irmão menor que elas. Porém não podemos considerá-las adultos, porque seu desenvolvimento físico não é o de um adulto. O que elas são depende mais do referencial de cada um que com elas conversa. Se quiser encontrar a criança ela está inteirinha ali. Também se quiser encontrar o adulto, não tenha dúvida que se mostrará por inteiro. (JUNQUEIRA, 1986, p. 77)

Jorge Amado, em *Capitães de Areia*, aborda, por meio da ficção, o mesmo assunto:

... eles nunca tinham parecido crianças. Desde pequenos, na arriscada vida da rua, os Capitães da Areia eram como homens, eram iguais a homens. Toda a diferença estava no tamanho. No mais eram iguais: amavam e derrubavam negras no areal desde cedo, furtavam para viver como os ladrões da cidade. Quando eram presos apanhavam surras como os homens. Por vezes assaltavam de armas na mão como os mais temidos bandidos da Bahia.

Não tinham também conversas de meninos, conversavam como homens. Sentiam mesmo como homens. Quando outras crianças só se preocupavam com brincar, estudar livros para aprender a ler, eles se viam envolvidos em acontecimentos que só os homens sabiam resolver. Sempre tinham sido como homens, na sua vida de miséria e aventura, nunca tinham sido perfeitamente crianças. Porque o que faz a criança é o ambiente de casa, pai, mãe, nenhuma responsabilidade. Nunca eles tiveram pai e mãe na vida de rua. E tiveram sempre que cuidar de si mesmos, foram sempre os responsáveis por si. Tinham sido sempre iguais a homens... (AMADO, 2008, p. 243-244)

Como ensinou Bakhtin (1981), a ficção é uma forma extraordinariamente rica de “experimentar a verdade”. Podemos pensar em pessoas de 24 anos que são estudantes e nunca trabalharam, mas têm automóveis, consomem produtos da moda, apreciam “baladas” e *games*, vivem confortavelmente e sem maiores responsabilidades que não seja a de cuidar de seus próprios interesses. Podemos também pensar em pessoas de 12 anos que trabalham para sustentar a família, estudam à noite (quando estudam) e, às vezes, já são até pais de família. Para o biólogo Jean Piaget, gente de 12 anos deveria estar no “nível IV”, estágio de desenvolvimento cognitivo e psicológico que pressupõe a capacidade para operações formais, o raciocínio abstrato e a formação de hipóteses independentemente da experiência direta. No caso de pessoas de 12 anos mergulhadas na luta diária pela sobrevivência e que, eventualmente, tenham filhos para criar, qual a relevância de saber tudo isso? Se quisermos ir além das comodidades do mundo teórico, tais noções, quando mal aplicadas, podem ganhar um caráter relativo e secundário. Abro parênteses. Não sou especialista em Piaget e sei que suas ideias são complexas e abrangentes. Ocorre que num tempo que valoriza em demasia técnicas, esquemas, classificações e rótulos, a leitura superficial deste autor pode servir para legitimar todo o tipo de classificação fora de lugar.

Mas, voltando, cabe a pergunta: quem é mais criança ou mais adulto nos exemplos mencionados anteriormente? Os jovens de 12 ou os adultos de 24? Como diferenciar seus “níveis de consciência”? O que seria exatamente um público “juvenil”? O que representam afinal essas “faixas etárias”? Tento dizer que a vida concreta e situada obriga as pessoas a irem à luta e a utilizarem (ou subutilizarem) suas potencialidades, atropelando estágios cognitivos, teorias abstratas e classificações acadêmicas, seja por causa da luta pela sobrevivência, seja por neuroses familiares, por meras convenções sociais ou pelos mais variados e inesperados eventos da existência cotidiana.

De que adianta pensar em etapas do desenvolvimento cognitivo diante da prostituição infantil ou de menores traficantes de drogas? De que serve saber que doentes de

Covid-19 internados em UTIs têm o corpo formado por átomos, moléculas e neurônios? Identificar “elementos de estruturas” assim como estabelecer fatias, graus, faixas e estágios da existência de forma impessoal, técnica e estatística, ou seja, decretar mecanicamente que pessoas de tantos anos “são” assim e pessoas de tantos anos “são” assado, constitui principalmente uma simplificação e uma redução. Deixa de fora, mesmo considerando pessoas da mesma idade, a vida concreta e iniludível: as singularidades; as experiências individuais; os modelos e padrões culturais; as tendências e anseios pessoais; os acidentes de percurso; as crenças e visões de mundo; as questões morais; as diferentes maneiras de como julgamos correto nos comportar diante da vida e do mundo.

Creio que podemos examinar as pessoas do ponto de vista da diferença ou do ponto de vista da semelhança. Pelo viés da diferença, somos singulares e únicos. Cada caso é um caso, como demonstram, por exemplo, nossas impressões digitais. Pelo viés da semelhança, pertencemos à espécie humana e esta tem um conjunto importante de pontos comuns: além de impressões digitais, temos mãos e dedos e costumamos usá-los de forma idêntica em todas as partes do mundo. Trata-se do óbvio que nem sempre lembramos⁶: somos eminentemente sociais (incapazes de viver sem uma sociedade ou, em outras palavras, não vivemos no vácuo); somos expressivos, emotivos, criativos e capazes de construir linguagens e símbolos (e não apenas utilizá-los e repeti-los); somos efêmeros (ou seja, envelhecemos e morremos); capazes de pensar em coisas como justiça, moral e estética; capazes de transformar a natureza e a sociedade (para melhor e para pior); capazes de sonhar com a construção de um futuro mais civilizado (em que os interesses da sociedade estejam o mais próximo possível dos interesses de cada indivíduo) e poderia ampliar bastante essa lista: todos somos sexuados, sonhamos, somos capazes de nos apaixonar, apreciamos o conforto, detestamos ser rejeitados, valorizamos a solidariedade, costumamos ter dificuldade em distinguir realidade e fantasia e assim por diante.

Note-se que tais características independem de etnias e culturas, assim como de “níveis de consciência”. Independem também de faixas etárias. Somente crianças excepcionalmente pequenas deixam de ficar revoltadas (porque não percebem) quando doces e brinquedos, ou afeto, são distribuídos de forma desigual. Mesmo as minúsculas recém-nascidas apreciam o conforto, detestam ser rejeitadas e são capazes de empatia e antipatia. Sem dúvida, tanto o ponto de vista baseado na diferença quanto o baseado na semelhança são importantes, além de não excludentes entre si. Quando falamos em arte e literatura, ambos

⁶ “A leitura como agente do conhecimento” - publicado na Revista **Carta Fundamental**, out. 2010.

têm sua razão de ser. Creio, porém, que, em alguns casos, o viés da semelhança entre os homens, por permitir o compartilhamento e a identificação de um maior número de pessoas, pode ser mais fértil, relevante e abrangente.

Trago um imenso complicador. Como tenho dito em outros artigos e palestras, às vezes, sinto que nós brasileiros vivemos nos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, tudo ao mesmo tempo. De um lado, estamos mergulhados nas demandas contemporâneas, na pós-modernidade; na glorificação das subjetividades e das singularidades; na recusa às “narrativas fundantes” (BUARQUE DE HOLLANDA, 1991); nos muitos desconstrutivismos; no relativismo cultural; nas discussões sobre o meio ambiente; no feminismo e na mudança do papel social das mulheres; na luta contra o preconceito e o racismo; nas demandas de cidadãos LGBT e transgêneros; na tal da 4ª revolução industrial com sua inteligência artificial, redes sociais e plataformas interconectadas, isso sem falar na crescente onda das *fakenews* e, claro, na sociedade de consumo e sua indústria cultural. Acontece que por outro lado, no mesmo ambiente e ao mesmo tempo, estamos cercados de semianalfabetos; de gente morando em favelas; de crianças e jovens fora da escola, por vezes convivendo com traficantes de drogas; de gente com menos de 10 anos que já trabalha; de pais de família vivendo de biscates; de gente de 30 e poucos anos que já é avô; cercados pelo racismo e pelo desprezo por negros e pobres; pela falta generalizada de saneamento básico; por doenças inexistentes em lugares civilizados (leptospirose e hanseníase, por exemplo); de gente que ainda precisa recorrer a simpatias e benzeduras quando fica doente; de gente condenada de pai para filho ao trabalho braçal; por políticos corruptos soltos graças ao inacreditável “foro privilegiado” (incluo aqui a prisão especial para quem tem “nível superior” (!)); e até, de vez em quando, cercados por surreais notícias a respeito de trabalho escravo.

Como adotar uma posição diante de uma paisagem tão complexa, contraditória, imoral e claramente não democrática? Como desenvolver um trabalho, escrever para crianças, jovens ou adultos, tanto faz, diante de uma sociedade tão injusta, desumana e desequilibrada como a nossa?

2. Literatura para mercados e literatura mesmo

Trouxe as considerações e dúvidas anteriores por acreditar que elas podem ser importantes para quem pretende refletir sobre a chamada literatura para crianças e jovens. É preciso:

ressaltar a importância de se discutir, com a isenção possível, as diferenças e semelhanças entre adultos e crianças, vistos sempre a partir de suas virtualidades e potencialidades e não de fatores culturais e ideológicos (mas tratados como “naturais”), de ideias cristalizadas e valores pré-estabelecidos que nem sempre correspondem aos fatos. Para qualquer estudo que pretenda tentar compreender e caracterizar a literatura infantil, esta postura, este desafio, é, a nosso ver, um pré-requisito. (AZEVEDO, 1997, p. 165)

No mesmo trabalho, páginas tantas, propus uma comparação entre os contos criados pela escritora portuguesa Anna de Castro Osório (1872-1935) e os contos populares recolhidos por ela, todos eles publicados na coleção “Biblioteca Portuguesa para as Crianças”, editada em Portugal, pela Casa Editora para as Crianças, entre 1906 e 1914. Esclareço que são livros raros e trabalhei com o que consegui encontrar. Sei que a obra de Ana Osório é do começo do século XX. Mesmo assim, vale a pena pensar sobre ela. Os primeiros 12 contos, reunidos no livro *Alma Infantil* dirigido à 5ª série (atual 6º ano do ensino fundamental), destinavam-se a um público específico, a criança. Neles, no geral, as crianças são apresentadas como seres imaturos, incoerentes, egoístas, irracionais, indisciplinados, inexperientes, cegos com relação às coisas da vida e do mundo, que precisariam mudar, crescer, ser domados e assim, finalmente, amadurecer e compreender a realidade, as regras complexas e a sabedoria líquida e certa do mundo adulto. Os adultos, por sua vez (e em oposição), são apresentados como seres maduros, coerentes, altruístas, sérios, racionais, disciplinados, imparciais, equilibrados, experientes, e responsáveis por princípio (!). Os temas das histórias, sem exceção, apresentam um caráter utilitário, didático e moralista, além do elitismo, da xenofobia e de idealizações com relação aos assuntos da vida e do mundo, recorrentes na época.

Trago o resumo de alguns contos para que o leitor possa compreender melhor seu teor. Nas citações, mantive a ortografia original. Bertha, a personagem do primeiro conto, “Surpresas de Natal”, é apresentada como uma menina rica, geniosa e mimada, que costuma desprezar e caçoar dos pobres: “O feio costume de se rir dos pobres, dos velhos, dos aleijados e dos feios, principalmente dos que visitavam a casa de sua família, era o que mais desagradava à mãe (...), que não poucas advertências lhe fizera já a esse respeito” (OSÓRIO, 1906-1914, p. 9-24). Num dado momento, Bertha cai em si e percebe que, enquanto tem tudo e sempre ganha muitos presentes no Natal, as crianças pobres não têm nada e vivem uma vida de penúria e miséria. Alegando outros motivos, a boa menina pede

dinheiro emprestado aos pais, e generosamente, por conta própria, banca o Papai Noel comprando às crianças da aldeia, onde costuma passar o Natal com seus avós, os mais ricos presentes.

Em “O jardim de Jorge” e “Tristezas de Jorge”, o pequeno Jorge, de início, despreza Portugal, tanto que “Um dia queixou-se à mãe - que era também quem lhe dirigia os estudos - da injustiça da sorte que o tinha feito nascer num tão pequeno e pobre e desprezado país” (OSÓRIO, 1906-1914, p. 25-48). Mais tarde, acaba se transformando num patriota convicto, a ponto de alterar, com a ajuda sábia e discreta da mãe, o nome de seu cachorro Mardoche, de origem francesa, para Valverde, homenageando uma batalha nacional. Há traços de forte xenofobia nestes dois contos.

No conto “Mães”, a menina Bertha conversando com sua mãe, recebe muitos ensinamentos sobre a vida:

- Mas a mamã, se eu fosse defeituosa, envergonhava-se de me trazer pela rua.
- Que tolice, Bertha! Se me envergonhasse de ti é porque te não estimava. E se assim fosse, achavas que era justo e *rasoavel* que te *condemnassem* por uma coisa de que não tinhas culpa nenhuma e eras a primeira a sofrer? A criatura pode considerar-se culpada por ser má e egoísta, por ter mau coração, ser intriguista, mentirosa, invejosa, em suma, por todos os defeitos morais. O que de modo algum podemos fazer, sem sermos malvados, é *despresar* alguém porque a natureza o não fez perfeito. (OSÓRIO, 1906-1914 p. 49-55)

Bertha acaba fazendo um aprendizado sobre o imenso amor que todas as mães sempre têm por seus filhos. A menina, num momento de emocionada generosidade, acaba dando seu melhor vestido para servir de mortalha a uma criança vizinha, pobre e aleijada.

Em “Jerônimo”, a personagem principal é descrita como muito levada. Por causa de suas estripulias e desobedecendo as ordens da mãe, acaba colocando em risco a vida de sua pequena e inocente irmãzinha:

Teria por ahí uns dez annos, mas, pelo barulho e diabruras que tinha feito durante a sua curta existência, mais se poderia dizer que tinha um século. Os pais andavam sempre em sustos por causa delle, esperando a cada hora vê-lo entrar com a cabeça partida ou as pernas feitas num mólho. (OSÓRIO, 1906-1914, p. 57-63)

E por aí vão os contos de Anna de Castro Osório. Transcrevo trecho da minha dissertação que se refere à análise de tais histórias para crianças:

Com a idealização e, mesmo, a desumanização do ser adulto, cria-se uma espécie de fosso separando crianças e adultos, como se existissem dois estados etários sólidos e de contorno absolutamente nítido e, por conseguinte, como se entre crianças e adultos não houvesse pontos comuns. (...) Quanto às personagens dos contos, um aspecto se destaca: todas são, invariavelmente, crianças. Essa redução da realidade ligada, a nosso ver, a uma forçada e artificial adaptabilidade às circunstâncias, naturalmente pressupõe como visão da criança um ser separado do mundo adulto, imaturo por princípio, com uma série de características comuns bastante peculiares, constantes e nítidas.

Salientamos também o fato de os contos de *Alma Infantil*, ainda uma vez sem uma única exceção, abordarem temas “realistas”, no sentido de terem como intento e pretensão representar a “realidade” através de fatos cotidianos absolutamente verossímeis. Nelas não há espaço para poesia, o nonsense, o desconhecido, a perplexidade, o sublime, o imensurável, o paradoxal, a utopia e a fantasia. Ao contrário, fica patente a noção de que com relação a tudo, vida, sentimentos, natureza, existe uma “realidade” palpável, mensurável, lógica, objetiva e nítida. (AZEVEDO, 1997, p. 194)

Vejamos agora o que ocorreu com a leitura dos contos tradicionais reunidos e recontados pela mesma autora. Note-se que os livros *Contos Maravilhosos* (OSÓRIO, 1906-1914) dirigidos às 2ª, 6ª e 7ª séries, naturalmente destinavam-se ao público infantil. No total, como consegui encontrar três volumes, tive acesso a 30 contos⁷. Neles, em todas as histórias, as situações temáticas pressupõem três pontos sólidos: 1) personagens jovens ou adultos, nunca crianças (com uma exceção), em busca de sua origem, do autoconhecimento, da própria identidade ou da autoafirmação; 2) personagens em busca do amor e do casamento, portanto, do parceiro sexual e 3) personagens em busca da “fortuna”, algo como diferentes formas de estabelecer uma situação financeira estável.

Eis outros tópicos verificados nos contos: a luta do velho contra o novo (conflitos entre gerações, experiência versus inexperiência, jovens transformados em idosos, as disputas entre mãe e filha, madrasta e enteada etc.); o humor, a zombaria, a anedota, enfim, o riso como forma de “experimentar a verdade”; a busca da felicidade pessoal; o adultério; disputas entre irmãos; a existência da maldade humana, da inveja, do ódio, da violência, do crime; a depressão emocional e a desesperança; a existência de forças desconhecidas e imensuráveis (todos, ao contrário dos contos de *Alma Infantil*, nos quais o racionalismo, a lógica e o “realismo” imperavam.); a morte; a metamorfose (heróis fisicamente transformados em monstros, animais ou objetos); a luta pela transformação de um estado

⁷ Destaco, entre outras narrativas, “História do príncipe Luiz”, “A padeirinha”, “História do príncipe encantado no palácio de ferro no reino da escuridão”, “A princesa da Áustria”, “História da princesa que se perdeu na floresta”, “História do mercador e seus três filhos”, “As três cidras do amor”, “História do armador”, “A princesa das pedras lindas” e “O soldado jogador”.

insatisfatório para outro onde a verdade e a justiça são estabelecidas (quase todos); temas e sentimentos humanos genéricos e complexos como a paixão, a generosidade, o amor, a amizade, a compreensão, o egoísmo, o ciúme, a vingança, a ambição, o orgulho, a prepotência, a insegurança, o sarcasmo; o incesto (claramente em dois contos); a existência de mundos utópicos e países imaginários; o espírito de solidariedade; recursos como a personificação e a prosopopeia; a astúcia e o ardil; o pacto com o diabo; menções à vida sexual e, invariavelmente, o desfecho com a vitória do herói, quase sempre com festejos, casamentos e comemorações, ou seja, o chamado “final feliz”.

Sobre o “final feliz”, não há, aqui, espaço para aprofundar o assunto, mas ele é recorrente na grande maioria dos contos tradicionais. Sugiro algumas razões para isso: as culturas populares 1) costumam ser profundamente marcadas pela visão de mundo religiosa (segundo a qual a justiça final necessariamente prevalecerá) e 2) parecem ser enraizadas numa espécie de esperança intrínseca: não faz sentido um camponês trabalhar na terra, assim como um pescador enfrentar o mar, um caçador a mata fechada, ou um camelô armar sua barraca, sem a esperança de que seus esforços tenham chances de ser recompensados. “No fim, tudo vai dar certo”, diz o ditado popular, “se ainda não deu certo, é porque não chegou no fim”. Por este viés, ao contrário de que poderiam dizer alguns, o “final feliz” pouco ou nada tem a ver com fórmulas literárias, moralismos, posturas pedagógicas ou noções “politicamente corretas”, mas, principalmente, com um certo padrão cultural, certo “nível de consciência”, determinada visão do que sejam a vida e o mundo. Adaptando o que disse o carnavalesco Joãozinho Trinta: “o povo sempre gostou de final feliz; quem gosta de final infeliz, ceticismo e niilismo é intelectual”. Todorov (2009), aliás, publicou tempos atrás um livro onde, entre outros assuntos, trata da disseminação mecânica e acrítica do niilismo.

Decidi trazer as observações a respeito da obra de Anna de Castro Osório porque, como disse, acredito que elas possam contribuir para uma reflexão a respeito das chamadas literaturas infantil e, no nosso caso, juvenil. De um lado, em *Alma infantil*, textos criados pela autora, temos temas dirigidos exclusivamente ao público infantil, recheados pelas concepções pedagógicas, morais e sociais dominantes na época. De outro, nos *Contos maravilhosos*, versões de narrativas populares recolhidas pela mesma autora, em tese dirigidas ao público infantil. Digo “em tese” porque, olhando bem, não são dirigidas a faixa etária nenhuma. São legítimos contos populares, narrativas preocupadas em abordar assuntos importantes da vida concreta, utilizando um discurso público e uma maneira de abordar os temas capaz de

interessar a todas as pessoas independentemente de graus de instrução, classes sociais e faixas de idade.

Era nesse ponto que eu queria chegar. Suponhamos textos que, nos dias de hoje, pretendam dirigir-se ao público juvenil. Que características eles teriam? De que assuntos tratariam? Falariam de personagens jovens? Relacionamentos pela internet? *Facebook*? *Instagram*? Iniciação sexual por meio de *webcams*? Tribos urbanas? Problemas escolares? *Bullying*? *Cyberbullying*? Turmas de colegas? Baladas? Questões morais? Preservação do meio ambiente? Super-heróis? Lobisomens, monstregos e vampiros assustadores ou amistosos? Terror? Cidadania? Guerras nas estrelas? *Games*? Homossexualidade? Pais separados? Tatuagens? Skates? Rock? Esportes radicais? Drogas? Preconceitos? Violência?

Vamos por partes. Em primeiro lugar, restringir a arte e a ficção a um cardápio de temas da moda é do interesse de indústrias, comércios e eventuais especialistas, mas pode nos levar à institucionalização da mediocridade. A escritores e artistas, convenhamos, cabe produzir não o que o mercado quer, mas aquilo que o mercado não sabia que queria ou jamais imaginou. Cabe também a eles, por meio da ficção e de uma grande liberdade no uso da linguagem, especular sobre a existência concreta dos homens, seus conflitos, seus desejos, crenças, valores, dúvidas e contradições. É preciso saber diferenciar escritores de redatores. Estes, sim, por razões profissionais, têm como responsabilidade transmitir informações, fazer publicidade, ensinar, prescrever, indicar, convencer ou vender seja produtos, seja ideias. O caráter do trabalho do redator é essencialmente impessoal e utilitário.

Em segundo lugar, podemos escrever sobre o tal *bullying* ou qualquer outro tema indicado e recomendado pelo especialista de plantão, de forma que o leitor adulto leia e diga: “isso é coisa de jovens, nada a ver comigo”. Mas podemos escrever sobre *bullying* de forma que o mesmo leitor diga: “conheço esse assunto, isso me emociona, isso me faz pensar, poderia acontecer comigo também”. Refiro-me, em suma, à possibilidade e à busca de uma identificação entre todas as pessoas.

Antes de continuar, para facilitar as coisas, vamos dividir os textos de maneira arbitrária, mas útil, considerando separadamente forma e conteúdo. No plano da forma e, mais precisamente, no plano da linguagem, certos livros aparentemente podem ser considerados “adultos”. Olhando bem, isso, em geral, acontece porque recorrem a discursos densos e elaborados, implicam erudições e citações, recursos como metalinguagem, “fluxos de consciência”, sobreposições de códigos, fragmentações, inovações, desautomatizações e experimentações de toda ordem, o que os torna complexos e de leitura difícil. Na verdade,

textos assim exigem um leitor diferenciado e demandam necessariamente leitura, releitura, análise e interpretação. São escritos por especialistas tendo em vista a leitura de especialistas. E mais: nem de longe poderiam ser considerados “adultos”, até porque a maioria dos adultos, independentemente de graus de escolaridade, seria incapaz de lê-los. São, isso sim, obras esotéricas criadas tendo em vista um público de iniciados, em geral com formação técnica e universitária. A erudição e as experimentações discursivas são importantes, têm seu lugar e sua razão de ser. Mas não são tudo e, fora isso, têm seus preços. Textos eruditos e experimentais, por serem excludentes, dificilmente serão populares, ao contrário. Na sua maioria, creio, também serão incapazes de interessar boa parte dos jovens.

Ainda no plano da linguagem, podemos, porém, encontrar textos que recorram programaticamente à linguagem compartilhável, utilizem vocabulário público e acessível, valorizem a narratividade, recorram a fórmulas e outros recursos que claramente pretendem seduzir, cativar e estabelecer comunicação imediata com o leitor. Textos assim não pretendem atingir nenhum público específico: simplesmente são populares, ou seja, dirigem-se a todo mundo (AZEVEDO, 2013). Estamos acostumados a associar “discurso popular” e pobreza. Não é este o ponto aqui. Quando falo em “popular”, estou me referindo apenas a um discurso altamente diversificado e heterodoxo que necessariamente busque a comunicação entre todas as pessoas. Quero ressaltar que praticamente todos os escritores, poetas e cronistas volta e meia recorrem ao que estou chamando de discurso popular. Textos narrativos que utilizam o vocabulário público como, por exemplo, os poemas “O caso do vestido” e “A morte do leiteiro”, de Carlos Drummond de Andrade, ou mesmo surrealistas como “Jandira”, de Murilo Mendes, são exemplos do que estou tentando apontar.

Peço ao leitor que compare dois grandes poemas de Drummond: “O caso do vestido” e “A máquina do mundo”. O primeiro é um caso da vida humana concreta narrada magistralmente. O segundo sobrepõe a existência concreta a várias e complexas especulações sobre a grandeza e a pequenez da vida e do mundo, de forma que o poema sugere diferentes camadas significativas. O primeiro pode e deve ser lido em voz alta para uma plateia diversificada. O segundo, talvez apenas num grupo seletivo de especialistas e iniciados. Creio que o discurso popular corresponda a uma linguagem incrivelmente poderosa, pois pode ser capaz de gerar identificação e emocionar ricos e pobres, universitários e analfabetos, velhos, moços e crianças, enfim, todas as pessoas. No plano do discurso, portanto, talvez não seja o caso de imaginar literaturas para adultos e para jovens, mas sim obras preponderantemente eruditas ou abstratas e obras preponderantemente populares.

Como estamos falando de discurso, vou dar apenas um exemplo, entre outros, das várias questões que podem surgir com relação ao assunto. Para isso, vou me valer dos estudos sobre “atos de fala” desenvolvidos por Austin (1990) e Searle (2002). Nos discursos populares, marcados pela cultura oral, a tendência é o “ato locucionário” (o que se diz) ficar colado à sua “força ilocucionária” (o que se quis dizer). Neste caso, o escritor escreve mais ou menos como se estivesse falando com um ouvinte numa situação face a face. Já nos discursos eruditos e especializados, marcados pela cultura escrita, a tendência é o “ato locucionário” estar separado de sua força. O que é dito e o que se quis dizer são, ou costumam ser, coisas diferentes. Neste caso, o escritor escreve para alguém que supostamente levará o texto para casa e poderá ler, reler, analisar, consultar dicionários, meditar e interpretar.

Não é preciso dizer que estão em jogo estratégias e procedimentos com a palavra bastante diferentes. Para ilustrá-las, bastaria comparar o texto de uma palestra “ao vivo” com o texto de um artigo, do mesmo autor sobre o mesmo assunto, porém escrito tendo em vista a publicação. Naturalmente estou falando em tese. Não existem fronteiras claras entre discursos e tudo isso precisaria ser sempre matizado. Estou apenas propondo um modelo esquemático para poder pensar.

Vejamos agora o plano do conteúdo. Minha sensação é a de que se colocarmos os temas considerados “juvenis” listados acima como o assunto principal e exclusivo do texto, teremos uma literatura de cunho funcional que pretende tratar de “problemas específicos” e apresentar ou defender uma tese de como resolvê-los. Neste sentido, muitas vezes estaremos diante de obras que tentam “vender um peixe”, ou seja, obras absolutamente vinculadas ao espírito dominante: uma literatura que pretende, utilitariamente, dar uma lição ou convencer o leitor de alguma coisa. Trata-se, em suma, de uma produção proselitista, que ensina, prescreve e preconiza, feita por quem sabe, para ser lida por quem não sabe. *Alma infantil* de Anna de Castro Osório é um bom exemplo desse tipo de obra.

Talvez se recorrêssemos aos mesmos temas citados, mas mesclados ou enraizados, por exemplo, nos assuntos tratados nos contos populares recolhidos pela mesma autora, a paisagem fosse outra. Neste caso, os problemas “específicos” de jovens passariam para um plano secundário e os temas capazes de estabelecer identificação entre todas as pessoas, independentemente de graus de instrução, classes sociais e faixas de idade, ocupariam o espaço principal. A questão da chamada “literatura infantil ou juvenil”, portanto, talvez seja principalmente uma: textos criados tendo como objetivo estabelecer a identificação exclusiva

de jovens *versus* textos criados tendo em vista algo mais do que isso, algo capaz de estabelecer identificação nos mais variados tipos de pessoas.

Tento ressaltar a importância do caráter estético da obra literária e na verdade de toda obra de arte. Independentemente de qualquer coisa, escolas literárias, recursos da moda, movimentos artísticos e ideologias, a literatura e a arte, seja adulta, infantil, juvenil, popular ou outra, deve ter, creio eu, certas características que são de caráter predominantemente estético:

- Originalidade;
- Capacidade ficcional;
- Recursos como a metáfora entre outras figuras da linguagem;
- Menor uso possível de estereótipos e fórmulas prontas;
- Exploração inventiva e consciente da linguagem;
- Linguagem marcada pela subjetividade (oposta à objetividade impessoal típica dos redatores de textos técnicos e mesmo do jornalismo);
- Abordagem de temas humanos complexos e cotidianos vistos por meio da subjetividade. Chamo de “assuntos que ninguém sabe”, porque não podem ser ensinados: a busca do autoconhecimento (para Rorty (2007) nossas “formas privadas de lidar com a própria finitude”); as paixões; as contradições e ambiguidades humanas; as angústias; a colisão do velho contra o novo; a construção da própria voz; a busca de um sentido para a vida; a perspectiva da morte, entre vários outros.

Se sabemos um assunto, viramos professores, militantes, especialistas, jornalistas etc. Já as obras de literatura e de arte são de ficção, abordam assuntos de forma subjetiva, podem reinventar a linguagem, podem recorrer a metáforas e, enfim, trazem visões pessoais, intuitivas e singulares (não oficiais) a respeito de eventos humanos.

Minha sensação é a de que escrever para crianças, jovens ou quem quer que seja, a partir de um cardápio de assuntos e temas considerados específicos ou exclusivos, “recomendados” e “prescritos” por mercados e especialistas, pode ser um grande equívoco. Prefiro supor que as eventuais particularidades de crianças ou de jovens, além de bastante relativas, conjunturais e efêmeras, são irrelevantes se comparadas aos pontos em comum existentes entre todos os seres humanos, independentemente de faixas etárias. Uma literatura que parta da semelhança entre todos os homens, na minha visão, será, neste caso, sempre mais fértil e enriquecedora.

Antes de concluir, exemplifico com três poemas. O primeiro é de Paulo Leminski (apud GÓES; MARINS, 2002):

materesmofo
temasermofo
termosfameo
tremesfooma
metrofasemo
mortemesafo
amorfotemes
emarometesf
eramosfetem
fetomormesa
mesamorfeto
efatormesom
maefortosem
saotemorfem
termosefoma
motormefase
matermofeso
metamorfose

O segundo é “Canção”, de Cecília Meireles:

Pus meu sonho num navio
E o navio em cima do mar;
– depois, abri o mar com as mãos,
para o meu sonho naufragar

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,
A noite se curva de frio;
Debaixo da água vai morrendo
Meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso
Para fazer com que o mar cresça,
E o meu navio chegue ao fundo
E o meu sonho desapareça

Depois, tudo estará perfeito:
Praia lisa, águas ordenadas

Meus olhos secos como pedras
E as minhas duas mãos quebradas.

O último exemplo é “Jandira”, de Murilo Mendes (1979):

O mundo começava nos seios de Jandira.
Depois surgiram outras peças da criação:
Surgiram os cabelos para cobrir o corpo,
(Às vezes o braço esquerdo desaparecia no caos.
Ficava somente o braço direito)
E surgiram os olhos para vigiar o resto do corpo.
E surgiram sereias da garganta de Jandira:
O ar inteirinho ficou eterno de sons
Mais palpáveis do que aves.
E as antenas das mãos de Jandira
Captavam objetos animados, inanimados,
Dominavam as rosas, os peixes, as máquinas.
E os mortos acordavam nos caminhos visíveis do ar
Quando Jandira penteava a cabeleira.

Depois o mundo desvendou-se completamente,
Foi-se levantando, armado de anúncios luminosos.
E Jandira apareceu inteiriça,
Da cabeça aos pés.
Todas as partes do maquinismo tinham importância.
E Jandira apareceu com o cortejo do seu pai,
De sua mãe, de seus irmãos.
Eles é que obedeciam aos sinais de Jandira
Crescendo na vida em graça, beleza, violência.
Os namorados passavam, cheiravam os seios de Jandira
E eram precipitados nas delícias do inferno.
Eles jogavam por causa de Jandira,
Deixavam noivas, esposas, mães, irmãs
Por causa de Jandira.
E Jandira não tinha pedido coisa alguma.
E vieram retratos no jornal por causa de Jandira
E apareceram cadáveres boiando por causa de Jandira.
Certos namorados viviam e morriam
Por causa de um detalhe de Jandira.
Um deles suicidou-se por causa da boca de Jandira.
Outro, por causa de uma pinta na face esquerda de Jandira.

E seus cabelos cresciam furiosamente com a força das máquinas:
Não caía nem um fio,
Nem ela os aparava.
E a boca era um disco vermelho
Tal qual um sol mirim.
Em roda do cheiro de Jandira

A família andava tonta.
As visitas tropeçavam nas conversações
Por causa de Jandira.
E um padre na missa
Esqueceu de fazer o sinal-da-cruz por causa de Jandira.

E Jandira se casou.
E o corpo de Jandira inaugurou uma vida nova.
Apareceram ritmos que estavam de reserva.
Combinações de movimentos entre as ancas e os seios.
À sombra do corpo de Jandira nasceram quatro meninas que repetem
As formas e os sestros de Jandira desde o princípio do tempo.

E o marido de Jandira
Morreu na epidemia de gripe espanhola.
E Jandira cobriu a sepultura com os cabelos dela.
Desde o terceiro dia o marido de Jandira
Fez um grande esforço para ressuscitar.
Não se conforma, no quarto escuro onde está,
Que Jandira viva sozinha,
Que os seios, a cabeleira dela transtornem a cidade
E que ele fique ali à toa.

E as filhas de Jandira
Inda parecem mais velhas do que ela.
E Jandira não morre.
Espera que os clarins do júízo final
Venham chamar seu corpo.
Mas eles não vêm.
E mesmo que venham, o corpo de Jandira
Ressuscitará ainda maior, mais ágil e transparente.

Note-se, nos poemas citados, o discurso marcado pela subjetividade, a grande variedade de usos e recursos da linguagem e, além disso, o caráter essencialmente não utilitário de todos eles. Por outro lado, com exceção do poema de Leminski que manipula a linguagem vista como um “material”, os outros dois recorrem a um discurso narrativo e ao vocabulário público. Poderia trazer vários e vários outros poemas, assim como crônicas, contos, novelas e romances. Quem disse que textos assim não poderiam agradar, emocionar e gerar identificação entre jovens? Quem decretou isso? Baseado em que estudo? Estaríamos construindo nosso pensamento crítico a respeito da literatura e da arte tomando por base procedimentos pedagógicos e princípios de *marketing*?

Talvez os jovens não costumem ler textos como esses, não por serem jovens e pertencerem ao “mercado juvenil”, mas – tirando as questões de ordem econômica –

principalmente por andarem em companhia de pais, professores e outros adultos que não são leitores, desconhecem a poesia e a literatura de ficção e nem de longe estão capacitados a apresentar aos “recém-chegados” as questões relativas à sociedade, à cultura e aos homens.

Dizem que cartas de amor são sempre ridículas. Talvez porque, no fundo, costumem ser, ao mesmo tempo, infantis, juvenis e adultas. Neste sentido, elas nada têm a ver com erudições, modernidades, abstrações e discursos especializados, muito menos com produtos comerciais, estatísticas, prescrições, mercados consumidores e pesquisas de opinião. Se elas têm ou não a ver com a arte e a literatura, é a última questão que deixo para o leitor.

Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AZEVEDO, Ricardo. **Como o ar não tem cor, se o céu é azul? Vestígios dos Contos Populares na Literatura Infantil**. 1997. 372 p. Dissertação (Mestrado em Letras. Área: Estudos Comparados das Literatura de Língua Portuguesa) –Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997 (não publicada).

_____. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. In: PAIVA, Aparecida et al. **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - O jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2003, p.75-83.

_____. Formação de leitores e razões para a Literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004, p. 38-47.

_____. A leitura como agente do conhecimento. **Revista Carta Fundamental**, São Paulo, 14 out. 2010, n/p.

_____. Literatura juvenil: aspectos, dúvidas e contradições. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 6, abril 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12274/8882>. Acesso em 08 mar. 2021.

_____. **Abençoado e danado do samba: um estudo sobre o discurso popular**. São Paulo: Edusp, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. **Pós-Modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GÓES, Fred; MARINS, Álvaro. **Paulo Leminski**: melhores poemas. 6 ed. São Paulo: Global, 2002.

JUNQUEIRA, Lia. **Abandonados**. São Paulo: Ícone, 1986.

MEIRELES, Cecília. **Poesias completas**: Viagem e Vaga música. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

MENDES, Murilo. **O menino experimental**: antologia. 2 ed. São Paulo: Summus, 1979.

OLSON, David. **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997.

OSBORNE, Harold. **Estética e teoria da arte**. São Paulo: Cultrix, 1970.

OSÓRIO, Anna de Castro. **Alma Infantil 5ª Série**. Portugal: Casa Editora para as Crianças, Setubal, 1907.

_____. **Contos Maravilhosos 2ª, 6ª, 7ª Séries**: Casa Editora para as Crianças, Portugal: Casa Editora para as Crianças, Setubal, 1914.

RORTY, Richard. **Contingência, ironia e solidariedade**. São Paulo: Martins, 2007.

SEARLE, John. **Expressão e significado**: estudos da teoria dos atos de fala. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. São Paulo: Difel, 2009.